



Como seguir a Jesus: análise exegética de Marcos 8,34 – 9,1¹

How to follow Jesus: exegetical analysis of Mark 8:34 – 9:1

Sandro Pereira ^[a] 

Cidade, UF, País

Faculdade Cristã de Curitiba

Como citar: PEREIRA, S. Como seguir a Jesus: análise exegética de Marcos 8,34 – 9,1. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba, Editora PUCPRESS, v. 15, n. 03, p. xxx-xxx, out./dez. 2023. doi.org/10.7213/2175-1838.15.003.a007

Resumo

O convite ao discipulado é um elemento fundamental na caminhada cristã. A perícopre analisada se dá no contexto do caminho de Jerusalém; já a caminho da cruz. Trata-se de um relato de vocação, que se constitui por narrativas breves, com uma finalidade paradigmática, neste caso, apresentar o modelo de comportamento a ser seguido. O texto quer pintar o quadro de uma cosmovisão que objetiva exortar aos leitores a assumir um comportamento bem definido. Seguir a Jesus significava uma negação radical de si mesmo. O discípulo deve “carregar a sua cruz”. E isso implica ter plena comunhão com o próprio destino de Jesus: perseguição, sofrimento e morte. Aqueles que suportam os sofrimentos vinculados ao seguimento de Jesus, são objetos de promessas da parte do Mestre. Em Marcos, a expressão tomar (= portar) a própria cruz é uma representação metafórica da disposição ao martírio e do espírito de abnegação que devem distinguir os seguidores de Cristo. Jesus chama de forma imperativa a multidão e aos seus discípulos. Aqueles que “querem” seguir a Jesus devem cumprir duas condições: negar-se a si mesmo, e tomar a sua cruz. Implica na aceitação da disposição de morrer por causa do seguimento, e se refere a todas as perseguições e tribulações que os discípulos podem experimentar durante o projeto do discipulado.

Palavras-chave: Evangelho. Marcos. Discipulado. Negação. Cruz.

¹ Exegese apresentada ao curso sobre Marcos, sob a orientação do Prof. Dr. Vicente Artuso, do Programa de Pós-graduação em Teologia – Doutorado – PUC/PR na data de 18 de maio de 2021

^[a] Mestre em Ciências da Religião, e-mail: profsandroper@gmail.com

Abstract

The invitation to discipleship is a fundamental element in the Christian journey. The pericope analyzed takes place in the context of the road to Jerusalem; already on the way to the cross. It is a vocation report, consisting of brief narratives, with a paradigmatic purpose, in this case, to present the model of behavior to be followed. The text wants to paint the picture of a worldview that aims to exhort readers to assume a well-defined behavior. Following Jesus meant a radical denial of self. The disciple must "carry his cross". And that implies having full communion with Jesus' own destiny: persecution, suffering and death. Those who endure the sufferings linked to following Jesus are objects of promises from the Master. In Mark, the expression to take (= carry) one's cross is a metaphorical representation of the willingness to martyrdom and the spirit of self-denial that must distinguish Christ's followers. Jesus imperatively calls the crowd and his disciples. Those who "want" to follow Jesus must fulfill two conditions: deny himself, and take up his cross. It implies accepting the willingness to die for the sake of following, and refers to all the persecutions and tribulations that disciples may experience during the discipleship project.

Keywords: Gospel. Mark. Discipleship. Denial. Cross.

Resumen

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Mauris vitae orci quis magna malesuada vehicula ut at felis. Cras hendrerit auctor ipsum vitae ullamcorper. Duis mollis tortor tincidunt, laoreet quam in, dignissim lacus. Morbi ut tempus mi. Praesent laoreet magna eu felis sodales, a malesuada ipsum porta. Nullam ac accumsan dolor. Vestibulum maximus rutrum vestibulum.

Palabras clave: Pibid matemáticas. Complejidad. Tiempos de crisis. Elaborar estrategias. Hacer apuestas..

Introdução

A perícopos de Marcos 8,34 – 9,1 encontra-se dentro da narrativa da Jornada rumo a Jerusalém iniciada em 8,31 e que prossegue até 10,52. A unidade textual a ser analisada é formada por um grupo de ditos curtos e pungentes que se referem ao compromisso pessoal com Jesus em circunstâncias que exigem coragem. As palavras-chave refletem formulação e vocabulário semelhantes. As cinco primeiras afirmações são conectadas por *gar*, e a sexta por uma fórmula que Marcos geralmente usa para concluir um discurso ou para introduzir uma conversa mais longa *kai elegen autois*.

Marcos inclui esta unidade, que diz respeito às exigências essenciais para se tornar um seguidor de Jesus, por causa de uma forte preocupação pastoral para com seu próprio povo. Aqui ele fala, além da situação histórica do próprio ministério de Jesus, a uma igreja assediada por perseguição. Suas fileiras estão sendo dizimadas tanto pelas sistemáticas perseguições, quanto pelas mais abertas pressões exercidas contra os cristãos na Roma Imperial. O Evangelista quer mostrar que esta situação é normal. O próprio Jesus chamou a atenção de seus discípulos para a realidade de que o sofrimento não é apenas o destino dele, mas também deles. A humilhação do Messias, anunciada em 8,31, é o misterioso protótipo do discipulado. Entretanto, mesmo enquanto Jesus fala da morte seguida pela ressurreição, seus seguidores podem olhar para além de um tribunal romano/pagão, ao tribunal do Filho do Homem, onde a lealdade a Jesus será honrada com vindicação.² Esta unidade equivale a uma chamada para a total identificação com o Cristo, confessado, mas erroneamente intuído por Pedro em 8,29.

Contexto literário e delimitação

A perícopos das condições do discipulado é apresentada também em Mt 16,24-27 e Lc 9,23-27. Marcos e Mateus colocam o texto depois de explicitarem que Jesus seguia rumo à Jerusalém, passando pela Cesareia de Filipe, mas Lucas insere também depois que Jesus e seus discípulos passam por Betsaida, onde ele narra a primeira multiplicação dos pães e peixes. Assim, nos sinóticos a narrativa se insere dentro do mesmo espaço, seguindo a estrutura marcana.

Depois de curar um cego em Betsaida (8,22-26) Jesus e seus discípulos saem em direção às aldeias de Cesareia de Filipe (8,27). Durante o caminho Jesus pergunta a eles sobre o que as pessoas diziam a respeito de quem ele era. Depois de algumas respostas – João Batista, Elias, um dos profetas – Pedro faz a importante confissão de que Jesus é o Cristo, é o Messias. Após esse episódio, Jesus começa a pregar abertamente qual seria o seu desígnio enquanto Messias.

Portanto, a seção constituída de 8,27 a 9,1 é composta da predição do sofrimento, morte e ressurreição e da vinda do Filho do Homem na glória de seu Pai; da incompreensão por parte dos discípulos, do ensinamento sobre o discipulado e suas condições.³

Apesar do que foi dito acima, não se pode precisar exatamente em que lugar eles estavam nesse momento. O versículo 34 não assinala nenhum indicador de tempo ou de espaço, mas apresenta um “personagem” que não aparecia na narrativa desde 8,6 (2 vezes): a multidão. Ainda que o texto não

² LANE, William L. **The Gospel According to Mark**. The New International Commentary on the New Testament. Michigan: W. M. B. Eerdmans Publishing CO., 1974, p. 306.

³ COLLINS, Adela Yarbo. **Marco. Volume 2**. Commentario Paideia. Torino: Paideia Editrice, 2019, p. 669.

mencione sua chegada, a mera aparição da multidão pode ser tomada como indicador de um novo início na narrativa.⁴

De qualquer forma, enquanto que em 8,27 até 8,33 o diálogo se passa entre Jesus e seus discípulos, a partir do versículo 34 Jesus dirige-se abertamente a “multidão, com os seus discípulos”. Dessa forma, a narrativa tanto insere novos atores – a multidão, quanto muda os destinatários do discurso de Jesus que, anteriormente destinava-se aos seus discípulos em particular. O tema desse breve discurso permanece até o verso 38 e, em 9,1, o evangelista insere uma conclusão que serve, ao mesmo tempo, como uma introdução à narrativa da transfiguração que vem logo em seguida.

Mesmo assim, do ponto de vista espacial e temporal, depois de terem saído em direção à Cesareia de Filipe, seis dias depois, Marcos coloca a narrativa da transfiguração (9,2-13). A próxima informação que temos é que em 9,30 eles caminhavam pela Galileia.

Assim, temos que, em Marcos, o Evangelho é anunciado em uma pequena região do mundo mediterrâneo no primeiro século de nossa era. Nosso texto parece bem delimitado em 8,34 – 9,1.

Tradução⁵

Mc 8,34-38; 9,1

³⁴ E tendo chamado⁶ a multidão juntamente com os seus discípulos, disse a eles: se alguém⁷ quer⁸ seguir¹⁰ após mim, negue-se¹² a si mesmo e tome a sua cruz e me siga¹³.

³⁵ Pois, quem quiser¹⁴ salvar a própria vida, a perderá; mas quem perder a própria vida, por causa de mim e do Evangelho, a salvará.

³⁶ Pois, o que aproveita uma pessoa, ganhar o mundo inteiro, e perder a sua vida?

³⁷ Pois, o que uma pessoa daria¹⁵ em troca da vida dela?

⁴ SILVA, Cássio Murilo Dias. **Metodologia de Exegese Bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 70.

⁵ Tradução do texto grego, segundo a 28ª edição de Nestle-Aland (2012), p. 137, 138.

⁶ Verbo particípio aoristo médio nominativo masculino.

⁷ A lição *ei tij* (se alguém) é melhor atestada (Os unciais a B C* D L W D 0214, a família de manuscritos 1 e 13, os minúsculos 28. 33. 565. 579. 700. 892. 2542, e ainda lat; Or) do que *ostij* (qualquer que) (A C² K G Q 1241. 1424. Û sy^hmk:@MSITStore:c:\program files (x86)\bibleworks 7\databases\tisch.chm::/TK/tk1u.html). A versão italiana La Nuova Diodati, 1991 traduz: “*Chiunque vuol [...]*” (quem quiser).

⁸ Verbo indicativo presente ativo 3ª. pessoa do singular.

⁹ A Tradução Brasileira traz a leitura *quer vir*. Mais enfático do que *estar com vontade de fazer algo*. VINCENT, Marvin R. **Estudo no Vocabulário Grego do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, v. 1, p. 171.

¹⁰ A lição *akolouqeín* é bem representada na tradição manuscrita (O papiro P⁴⁵ C* D W Q 0214 f^o 28. 565. 700. 1424 Û lat sa^{ms}; Or), mas, a atestação em favor de *elqeín*, leitura mais fácil, não é contudo, menos atestada (a A B C² K L G f³ 33. 565. 579. 700. 892. 2542 lat; Or).

¹¹ *avkolouqe,w* é o verbo por excelência para se referir ao discipulado de Jesus, o discipulado que se dá em seguir ao Mestre. Ele ocorre 18 vezes em Marcos. Mais adiante nos ocuparemos um pouco mais com ele.

¹² Verbo imperativo aoristo médio 3ª. p. sing. Raiz: *avparne,omai*. O verbo é o mesmo usado para negar a Jesus em Lc 8,45. Negar a Jesus ou negar a si mesmo, essa é a decisão posta para todos aqueles que ouvem o chamado de Jesus.

¹³ Verbo imperativo presente ativo 3ª. p. sing.

¹⁴ Verbo subjuntivo presente ativo 3ª. p. sing.

¹⁵ O subjuntivo ático *dw* está em a L; o indicativo futuro *dwsei* se encontra em P⁴⁵ A C D W X G Q P S F 33 f^o 13, Byz.

³⁸ Pois, o que se envergonhar de mim e das minhas palavras¹⁶ nesta geração adúltera e pecadora, o Filho do Homem também se envergonhará dele, quando vier na glória do seu Pai com¹⁷ os anjos santos.

^{9,1} e dizia a eles: Amém! digo a vós que existem alguns, aqui dos presentes,¹⁸ os quais de modo nenhum provarão da morte, até que vejam o Reino de Deus ter vindo com poder.

Estrutura do discurso

Na sua forma atual a nossa passagem está arranjada em pares. Ela parte de uma dupla exortação para se seguir Jesus até a morte e, em seguida, passa para um duplo dito sobre a soberana importância de preservar a vida e, ao final, uma dupla predição escatológica.

Gramaticalmente, os versos centrais que consistem em quatro frases com “gar” são destacados por terminações que mostram uma fórmula introdutória bastante distinta. Toda a passagem pode ser organizada na forma de um quiasmo:

8,34	<i>kai [...] eipen autois, (e disse a eles)</i>	<i>eis tis (se alguém)</i>
8,35	<i>hos gar (quem pois)</i>	
8,36	<i>ti gar (que pois) + anthrōpos (uma pessoa)</i>	
8,37	<i>ti gar (que pois) + anthrōpos (uma pessoa)</i>	
8,38	<i>hos gar (quem pois)</i>	
9,1	<i>kai elegen autois, (e dizia a eles)</i>	<i>eisin tines (existem alguns)</i>

O contexto amplo, de igual modo, é quiástico na disposição de seus temas já que parte da revelação do messianismo de Jesus (8,27-30), chega à predição de sua paixão (8,31-33), à exortação aos discípulos para que participem desse sofrimento (8,34-37), e volta à predição de seu retorno na glória messiânica (8,38-9,1).¹⁹

Gênero literário

Podemos enquadrar nossa unidade literária dentro do relato de vocação, que se constituem por narrativas breves, com uma finalidade paradigmática, neste caso, apresentar o modelo de comportamento a ser seguido. Ademais, no desenrolar da narrativa nos deparamos com ditos proverbiais da tradição sapiencial. O texto quer pintar o quadro de uma cosmovisão que objetiva

¹⁶ O vocábulo lo,gouj é omitido P^{45vid} W k sa: se “não fosse original, fica difícil de explicar sua presença numa tão grande variedade de diferentes tipos de texto. A leitura mais breve faz sentido (“qualquer que se envergonhar de mim e dos meus [seguidores]”), mas lo,gouj tem tudo para ser original e foi omitido acidentalmente, por causa do final semelhante das palavras evmou.j e lo,gouj (homeoteleuto, as letras semelhantes apareciam no final das palavras). OMANSON, Roger L. **Variantes textuais do Novo Testamento**. Análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 81.

¹⁷ A leitura kai (P⁴⁵ W 2542 sy^s) no lugar de meta., provavelmente provém de uma tentativa de harmonização com Lc 9,26.

¹⁸ A lição tw/n w-de e`sthko,twn é atestada nos Unciais a A C D¹ K L N W G D Q a família de manuscritos 13, os minúsculos 28. 33. 565. 579. 700. 892. 1241. 1414. 2542, e ainda sy^h. A lição que optamos é atestada pelos Unciais B D. Por fim D 565 it adicionam met emou.

¹⁹ MARCUS, Joel. **El Evangelio Según Marcos. 8,22-16,8. Nueva traducción con introducción y comentario**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2011, p. 713.

exortar aos leitores de Marcos a assumir um comportamento bem definido pelo texto. Em nosso caso, o ápice se dá em forma de uma ameaça, como veremos adiante.²⁰

Toda a perícope se insere dentro de uma argumentação simbulêutica²¹ que visava tratar de problemas internos das comunidades. Estamos diante de uma argumentação pela lógica. Em nosso texto, o assunto a respeito do qual foi preciso argumentar, trata-se da exortação para sofrer por causa da fé, ou seja, pelo simples fato de ter se tornado cristão. Havia diversos tipos de perseguidores, sendo que nos Evangelhos podemos presumir que fossem os judeus. Diante da atitude de Pedro, que serve de exemplo negativo diante da realidade do sofrimento do Cristo, Jesus pergunta sobre qual é a utilidade de um ato humano no esquema “ato-efeito”; as condições sobre o êxito ou o fracasso certo. O argumento se reveste de tal força quando é o futuro juízo divino que se tem em vista. Mais ainda: aquele que fala é o próprio juiz. Aquele que salva hoje, um dia voltará para julgar.²²

As explicações dadas por Berger quanto às questões formais serão confirmadas pela análise da perícope.

Análise literária

v. 34. *E tendo chamado a multidão*. O verbo *proskalesámenos* é formado pela preposição *prós* (“face a face”, perto, perante) mais o verbo *kaléō* (chamar). Significa, portanto, “chamar para perto de si”, “convocar” (Mc 3,13). A raiz do verbo em 8,34 é *proskaléomai*. Aqui o sujeito subtendido é o próprio Jesus. Marcos usa o verbo *proskaléō* seguido do destinatário em 3,23 (os escribas), 7,14 (a multidão), 8,1 (seus discípulos) – mas para falar algo a respeito da multidão; e aqui em 8,34 – os destinatários são a multidão e os seus discípulos.

No Novo Testamento o verbo aparece 29 vezes (sempre na voz média – *proskaléomai*). Seis vezes em Mateus, 4 em Lucas, 9 e Atos, uma vez em Tiago e 9 vezes em Marcos. Com o sentido próprio de “chamar” ou “chamar para si”, aparece nos Evangelhos tendo especialmente Jesus como sujeito (apenas quatro passagens têm²³ outro sujeito para o verbo).

O verbo *proskaléomai* em nossa perícope está na forma do particípio aoristo médio nominativo. Em geral, o particípio é um adjetivo verbal. Quando ocorre como verbo, possui voz, modo e tempo, e pode reger um objeto direto. A função do “tempo” de um particípio recebe diversas considerações entre os gramáticos. Como se trata de um particípio aoristo, podemos dizer que se trata de uma ação terminada, considerada a partir de fora, com relação ao final da ação. Assim, a ação é vista como concluída, ou seja, o “particípio aoristo veicula a visão de uma ação terminada”, ela “é vista como anterior à ação do verbo principal”, exatamente porque “é vista como terminada, em contraste com a ação do particípio presente”.²⁴

A fama de Jesus começou a correr (1,28) desde que ele libertou um homem com espírito imundo dentro da sinagoga em Cafarnaum. Contudo, a “multidão” só aparece mesmo pela primeira vez em 2,4 e, desde então, acompanha a Jesus.

²⁰ SILVA, Cássio Murilo Dias. *Op. Cit.*, p. 198, 207.

²¹ Os gêneros simbulêuticos incluem a exortação e a parênese, além de outras.

²² Seguimos em todo esse tópico a esclarecedora análise de BERGER, Klaus. **As Formas Literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Edições Loyola, 1998, p. 89, 93, 155, 161-162, 243, 285, 291.

²³ BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. (Eds.). **Dicionário Exegético del Nuevo Testamento**. Volume II. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2002, p. 1994.

²⁴ SWETNAM, James. **Gramática do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2002, p. 62, 133.

Das 175 ocorrências no Novo Testamento, a palavra *óchlos* ocorre 38x em Marcos (50x em Mateus, 41 em Lucas e 20 em João). Essa grande difusão do termo na tradição de Jesus demonstra que a sua atividade não se deu apenas em locais privados, mas que na maioria das vezes teve lugar junto à multidão. Segundo Mc 6,34 (par. Mt 9,36), Jesus sente-se cheio de compaixão quando vê a multidão. Entretanto, os Evangelhos também conhecem a dupla personalidade da multidão: de um lado louva a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, de outro lado, deixa-se ser instigada e clama aos berros a crucificação de Jesus.²⁵

Associando a multidão aos discípulos, o narrador enfatiza o grande escopo desse ensinamento, especialmente porque na região de Cesareia de Filipe a multidão não se limita apenas aos israelitas, mas inclui também necessariamente os pagãos.²⁶

Juntamente com seus discípulos – além da multidão, no versículo sob análise, o chamado de Jesus também se dirige aos seus discípulos; que foram convocados em 1,16-19 (Simão e André, Tiago e João), em 2,14 (Levi) e em 3,13-18 (Simão Pedro, Tiago e João – filhos de Zebedeu, André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago – filho de Alfeu, Tadeu, Simão – o zelote e Judas Iscariotes).

As pessoas que seguiram Jesus podem ser classificadas em dois grupos principais, como se pode ver em Mc 3,7-12: por um lado, um grupo claramente demarcado e, por outro, uma grande multidão. Esta divisão também é confirmada pelas passagens nas quais é dito que Jesus se retirou das massas quis ficar sozinho com seus discípulos (Mt 13,36; 14,22 par. Mc). Assim, num primeiro momento, parece haver uma certa separação entre os discípulos e a multidão, contudo, o chamado agora se dirige a todos, sem distinção.

Discípulos ou alunos (*mathetês*) é o nome por excelência dado àqueles que respondem positivamente ao chamado de Jesus. Só em Marcos aparece 46 vezes (17,624 das ocorrências em todo o Novo Testamento [no total de 261X]). O termo pode se referir simplesmente a alunos ou discípulos. A relação discípulo/mestre é conhecida nos tempos do Novo Testamento, uma vez que os escribas se faziam de mestres e tinham discípulos (*talmidim*), a quem instruía nas Escrituras e nas tradições dos pais.

O vocábulo *mathetês* raramente é aplicado ao amplo grupo de seguidores e ouvintes. Todavia, isso acontece em Lc 6,13, 17, onde se faz uma distinção entre três grupos: uma grande massa de pessoas, uma grande multidão de discípulos e, finalmente, o círculo dos doze (v. 13; cf. Mc 4,10). Porém, na grande maioria dos casos, o termo *mathetês* é reservado ao grupo íntimo em torno de Jesus. O grupo era aparentemente muito pequeno. Poderia caber em um único barco (Mt 14,22 par.; Jo 6,17) ou ser reunido em uma única casa (Mc 7,17; 9,28). Em qualquer caso, é claro pela tradição que o grupo íntimo ao redor de Jesus era formado pelos “Doze”.

Não podemos excluir que, antes da eleição do grupo dos Doze, teria existido em torno de Jesus outro grupo ainda menor. Esta pode ser a explicação de que alguns discípulos - principalmente Pedro, Tiago e João - parecem ter estado especialmente próximos de seu Senhor (Mc 5,37 par.; Mt 17,1 par.; 14,27 par.; Mc 1,29; Mt 20,20 par.).

Uma longa lista de declarações revela como era entendido o “ser discípulo de Jesus”. Na grande maioria dessas declarações, a palavra é dirigida ao grupo íntimo de discípulos, mas isso não exclui que as declarações mencionadas também tenham aplicação para aqueles que foram discípulos em um

²⁵ BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. (Eds.). *Op. Cit.*, p. 664, 665.

²⁶ FOCANT, Camille. *Il Vangelo Secondo Marco*. Assisi: Cittadella Editrice, 2015, p. 353.

sentido mais amplo. A relação especial que existia entre Jesus e os seus discípulos é atestada, entre outras coisas, pelo fato de que a eles - em contraste com as massas - os mistérios do Reino foram revelados (Mt 13; Cf. Mt 16,15-17 par.; Mt 16,21 par.; 17,22-23 par.; 20,17-19 par.). Segundo Mt 12,49, Jesus considerava os discípulos como se fossem sua mãe e seus irmãos (cf. Mc 3,14 par.). E Jesus os ensinou a orar (Mt 6,9; cf. Lc 11,2).

Dito isso, podemos passar ao que nos toca mais de perto em nossa perícope. Um discípulo é aquele que teve que romper com o tipo de existência que levava até então. Seria preciso abandonar suas ocupações (Mt 4,18-22 par.; 9,9 par.), romper os laços familiares (Lc 14, 26 par.; Lc 9, 61s) e deixar aos cuidados dos outros um dever tão elementar como o de enterrar o pai (Mt 8,21s). Em certo sentido, as condições dos discípulos eram comparáveis às dos escravos. Um bom exemplo pode ser visto quando Jesus, a caminho de Jerusalém, teve que passar por Samaria, os discípulos tiveram que encontrar alojamento para ele (Lc 9,51). Eles também tiveram que preparar sua entrada solene em Jerusalém (Mt 21,2), e fazer os preparativos para a Ceia Pascal que Jesus queria celebrar com eles (Mt 26,17s par.).

Tornar-se um discípulo, portanto, seguir a Jesus, significava uma negação radical de si mesmo. De acordo com nosso texto, o *mathetês* deve “carregar a sua cruz” (cf. Mt 16,24-25 par.). E isso implica ter plena comunhão com o próprio destino com Jesus, que consiste na perseguição, no sofrimento e, finalmente, na morte.

Aqueles que suportam os sofrimentos vinculados ao seguimento de Jesus, são objetos de promessas da parte do Mestre (Mt 19,27-30 par.; 10,22; 24,13 par.). Todavia, a perícope irá mostrar que negar o Mestre significa perder a própria salvação (Mc 8,38).²⁷

disse a eles – o verbo *eipen*, indicativo, aoristo²⁸, ativo de *legō*, dizer, falar, afirmar, exortar, curiosamente aparece pela primeira vez em nosso Evangelho exatamente no contexto do chamado ao discipulado em Mc 1,7. O objeto direto do verbo é *autois*, ou seja, a multidão e os discípulos. Jesus, primeiro chamou a si a multidão juntamente com seus discípulos; agora ele irá dirigir uma palavra a eles.

se alguém quer – muitas versões traduzem o verbo *thélei* – querer, desejar, gostar, para o subjuntivo “quiser”²⁹. No entanto, o verbo está no indicativo e, por isso, optamos por trazer formalmente “quer”. O uso de “alguém” denota que o chamado é dirigido a todos.

seguir após mim – no grego a sequência das palavras é “após mim seguir”. A preposição *opísō*, “depois de”, “após”, “atrás”, “para trás”, é a mesma que Jesus usa na repreensão a Pedro em Mc 8,33 quando este se coloca como adversário do seu projeto messiânico segundo Deus, uma vez que o projeto messiânico de Pedro parece ser um projeto puramente humano. Aqui a preposição (no genitivo) deve ser lida em conjunto com seguir – “seguir após”.

Assim, chegamos em *akoluthéō* que, como dissemos acima, numa das notas de nossa tradução, é o verbo por excelência para se referir ao discipulado de Jesus; o discipulado que se dá em seguir ao Mestre. Das 90 vezes que esse verbo ocorre em todo o Novo Testamento (em 86 versos), 18 vezes estão

²⁷ BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. (Eds.). *Op. Cit.*, pp. 116 – 121.

²⁸ Lucas o conjuga no imperfeito do indicativo ativo.

²⁹ Assim a Almeida Revista e Corrigida de 1995, a Bíblia de Jerusalém de 2002, a Nova Bíblia Pastoral (2013) e a Tradução portuguesa em linguagem moderna (2005 – Sociedade Bíblica de Lisboa, Portugal), por exemplo.

em Marcos (20,000%, ficando logo atrás de João com 21,111%, e Mateus com 27,778% das ocorrências). Assim, Marcos ocupa o terceiro lugar na ocorrência do verbo *akoluthéō*. Esse verbo ocorre duas vezes somente aqui em 8,34, sendo que na primeira vez, aparece no infinitivo e na segunda no imperativo.³⁰ Na passagem paralela em Mt e Lc ele ocorre apenas uma vez na mesma frase.

A expressão “se alguém quer [seguir] após mim” lembra a ordem de Jesus a Simão e André “vinde após mim” em Mc 1,17 e a nota do narrador em 1,20, quando os filhos de Zebedeu deixaram o seu pai no barco com os empregados e “foram após ele”. De igual modo, lembra a ordem de Jesus a Levi, filho de Alfeu (2,14) – segue-me – e a sua imediata reação: “e levantando-se o seguiu”. Por fim, no contexto existe, sem dúvida, uma crítica implícita a Pedro, a quem foi necessário ordenar “arreda para trás de mim” (8,33). Estaria aqui a origem da tão conhecida fórmula “vade retro Satana”? Foi assim que a Vulgata verteu a repreensão de Jesus a Pedro (*vade retro me Satana*)

negue-se a si mesmo – Agora chegamos ao que podemos chamar de “as exigências do discipulado”. No texto em tela são três as exigências, sendo a primeira, essa aqui: a negação de si mesmo. O verbo deponente *aparnēsásthō* (3ª. pessoa do singular, aoristo médio de *aparnéomai*) é o primeiro dos três imperativos que virão em seguida. Ele ocorre 11 vezes no Novo Testamento. Substancialmente igual quanto ao significado de *arnéomai*, este verbo, que no grego koiné assume o significado de “negar”, “refutar”, indica a “renúncia” ao próprio ser, o “renegar-se” a si mesmo, não em um senso de masoquismo ascético, mas como vontade de saber renunciar ao próprio modo de pensar e viver, colocar-se em discussões, para acolher a radicalidade evangélica.³¹ A voz média indireta (reflexiva indireta, benefactiva, intensiva, dinâmica) usa-se quando o sujeito age em favor de si mesmo, ou em seu próprio interesse. Ele mostra um interesse especial na ação verbal.³²

O acréscimo do pronome reflexivo *héahtón* como objeto do verbo só aumenta a força e a radicalidade do imperativo. “Isso envolve uma denúncia radical de toda auto idolatria e de todas as tentativas de estabelecer sua própria vida de acordo com os ditames do eu. Esta demanda é reforçada e intensificada pela horrível imagem de uma marcha da morte”.³³ É o que veremos no segundo imperativo.

e tome a sua cruz – o próximo verbo no imperativo está aqui: *arátō* (aoristo imperativo médio de *airō* – levantar, tomar, tirar). O imperativo é o modo da intenção, assim, ele se move na dimensão da possibilidade ou da volição, como em nosso texto. Seu uso é comum em ordens, de um superior para um inferior. Com o aoristo, enfatiza uma ordem sumária.³⁴

O verbo tomar, pegar, carregar, tem a cruz (*staurón*) como objeto direto (acusativo masculino singular). Há quem diga que ainda que traga a “cruz” sob o aspecto linguístico, como instrumento de execução capital, a expressão “tomar (= portar) a própria cruz é uma representação metafórica da disposição ao martírio e do espírito de abnegação que devem distinguir os seguidores de Cristo. Uma aproximação linguística e temática pode ser vista na expressão “portar (*airō*) o jugo [de Jesus]” (cf. Mt

³⁰ *akolouthéō*: verbo imperativo presente ativo 3ª. pessoa do singular. Voltaremos a ele mais adiante.

³¹ BELANO, Alessandro. *Il Vangelo secondo Marco*: traduzione e analisi filológica. Roma: ARACNE Editrice, 2010, p. 594.

³² WALLACE, Daniel B. *Gramática Grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009, p. 419.

³³ LANE, Willian L. *Op. Cit.*, p. 307.

³⁴ WALLACE, Daniel B. *Op. Cit.*, p. 485.

11,29), que pretende designar a obediência à vontade de Jesus e ao seu comando. Alguns comentaristas se perguntam como Jesus prepara seus discípulos para a perspectiva da cruz, quando esta metáfora só poderia surgir após sua execução no Calvário. Nesse sentido, acrescenta-se, o *lógion*, ou dito, é facilmente superado se considerarmos que, como acontece em outras partes do grego clássico, a palavra “cruz” é empregada em sentido figurado, sem necessariamente referir-se à tortura romana.³⁵

Todavia, seguimos Gnilka que rejeita esta interpretação suavizada da acolhida da cruz no sentido da aceitação do jugo.³⁶ De fato, não pode haver confusão quanto à semântica política desse convite de Jesus. A “cruz” possui apenas uma conotação no Império Romano. A crucificação era um castigo político e militar. Entre os romanos, esse castigo era aplicado a todos nas classes mais baixas, ou seja, os escravos, criminosos violentos e os elementos fora-da-lei, notadamente nas províncias rebeldes, como era o caso da Judeia (Província Imperial). Os crucificados eram pessoas que não possuíam direitos, isto é, pertenciam a grupos que precisavam ser suprimidos de todas as maneiras, a fim de salvaguardar a “pax romana”. A pessoa condenada à crucificação “recebia a ordem de carregar a própria cruz até o lugar” de execução. Assim, a cruz também consistia em sinal de vergonha para o condenado.³⁷ Os primeiros leitores de Marcos jamais poderiam entender esse imperativo de outra forma.

e me siga – aqui temos a segunda ocorrência de *akoluthéō* neste versículo. Agora ele está no presente do imperativo ativo. Chegamos à terceira exigência do discipulado. A circunstância parece se modificar um pouco. Uma vez colocada a exigência depois dos dois primeiros imperativos – negar-se e tomar a cruz, esse terceiro imperativo só pode ser levado a efeito uma vez satisfeitas as duas primeiras exigências. A relação entre as palavras parece apontar para um seguimento que deverá sempre pressupor a autonegação e o carregar a própria cruz. Significa dizer que não pode haver seguimento sem negação; não pode haver seguimento sem cruz, enquanto instrumento de condenação e morte e, por conseguinte, sem a disposição de colocar-se inteiramente sob o comando do Cristo.

Jesus chama de forma imperativa a multidão assim como aos seus discípulos. Depois do anúncio da paixão do Filho do Homem, é possível formular com mais clareza em que consiste ser discípulo de Cristo. Aqueles que “querem” seguir a Jesus devem cumprir duas condições: *seguir após mim* – (*opísō mou*), como vimos acima, emenda com a reprovação dirigida a Pedro em 8,33 e com o primeiro chamado de vocação em 1,17. Assim, a primeira condição é colocar a existência de discípulo acima dos próprios desejos e planos. A segunda condição – tomar a sua cruz amplia a exigência até a aceitação da disposição de morrer por causa do seguimento e se refere a todas as perseguições e tribulações que os discípulos podem experimentar.³⁸

Assim, carregar a cruz e seguir a Jesus, não era uma metáfora judaica, e o imperativo de Jesus deve ter soado abominável aos ouvidos da multidão e também dos seus discípulos. A realidade é que o dito evoca a imagem de um homem condenado saindo para morrer, e que é forçado a carregar nas costas a própria cruz sobre a qual ele será pregado no local da execução.³⁹

³⁵ BELANO, Alessandro. *Op. Cit.*, p. 594, 595.

³⁶ GNILKA, Joachim. *Op. Cit.*, p. 26.

³⁷ MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. – Coleção Grande Comentário Bíblico, p. 299.

³⁸ GNILKA, Joachim. *Op. Cit.*, p. 26.

³⁹ LANE, William L. *Op. Cit.*, p. 307.

v. 35. *Pois, quem quiser salvar a própria vida* – O segundo versículo de nossa perícopé começa com o pronome relativo “quem” (*hós*), seguido da conjunção coordenada “pois, porque, a saber, portanto” (*gár*). A conjunção ocupa o quarto lugar entre as que aparecem com mais frequência no Novo Testamento (depois de *káí*, *dé* e *hóti*). Ela ocorre 1041 vezes em 990 versos⁴⁰. É usada para expressar a causa ou a continuação de uma explicação. Assim, ele explica a causa, a razão da necessidade de o discipulado exigir uma renúncia de si mesmo.

Pois, quem quiser salvar a própria vida. Parece melhor tomar a frase toda. Agora sim o verbo “querer” está o subjuntivo – *quiser*. A vida (aqui *psychēn*), refere-se a pessoa como um todo. O dito de Jesus claramente se trata de um paralelismo antitético com a presença do termo *psychē* o qual, quase certamente, traduz o hebraico *nepēsh*. No mundo semítico esta palavra não exprime o conceito de “alma”, à maneira grega, mas a existência concreta da pessoa singular, com todo o seu potencial físico e psicológico. Com a linguagem moderna podemos traduzir corretamente *psychē* mediante um pronome reflexivo, uma vez que o termo é usado aqui como perífrase semítica no lugar de *heautón*: “quem quiser salvar a si mesmo se perderá...”. Da mesma forma que acontece em Mc 8,36-37; 10,45. Em qualquer caso, não podemos entender a palavra *psychē* como “alma” ou “vida terrena” em contraposição a “vida celeste”: Jesus fala de salvar ou perder a vida inteira ou a existência, e não de salvar a “própria alma”.⁴¹

A *perderá* – Como vimos, aqui Jesus está falando de perder-se inteiramente, a pessoa singular em sua totalidade. Em contraposição ao verbo *sōsai* (infinitivo aoristo de *sōzō*), aqui temos *apolései* (indicativo ativo futuro de *apóllymi*), a antítese de salvar-se, ou seja, perder-se ou destruir-se. A voz ativa é transitiva (*destruo algo*).⁴² Temos aqui uma oração relativa. O destruir-se ou perder-se está em relação com a atitude do ouvinte numa antítese – quem quiser salvar, perde, quem perder, salva.⁴³

Curioso lembrar que o anjo do abismo em Ap 9,11 possui por nome o substantivo com a mesma raiz: *Apollyōn* – o Destruidor. Cabe ressaltar que em 1Co 10,10, o indicativo aoristo médio de *apóllymi* (*apōlonto*) é usado em referência àqueles dentre o povo de Israel que, enquanto peregrinavam no deserto, por causa da idolatria, em um único dia caíram vinte e três mil (1Co 10,8), ou seja, foram destruídos, mortos (1Co 10,10). A apostasia parece ser uma atitude de quem quer conservar a vida depois de ter iniciado o seguimento de Jesus. Para isso devemos pensar nos ouvintes de Marcos e não nos ouvintes dentro da narrativa.

Agora temos condições de visualizar o paralelismo como um todo, uma vez que a única palavra nova será *héneken* (por causa de). Podemos refazer o arranjo das palavras, suprimindo algumas, a fim de obter o paralelismo antitético perfeito:

³⁵ Pois,	<u>quem</u> [...]	<u>salvar</u> a própria vida,
	a	<u>perderá</u>
mas	<u>quem</u>	<u>perder</u> a própria vida,
	a	<u>salvará</u> .

⁴⁰ BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. (Eds.). *Op. Cit.*, p. 717.

⁴¹ BELANO, Alessandro. *Op. Cit.*, p. 26.

⁴² SWETNAM, James. *Op. Cit.*, p. 354.

⁴³ WALLACE, Daniel B. *Op. Cit.*, p. 571.

Dito isso, vejamos os termos que nos apresentam a condição, ou seja, a razão pela qual a pessoa deve perder a própria vida, suprimidos naquela que seria a quarta linha do arranjo acima.

por causa de mim e do Evangelho – Não se trata de perder a vida por qualquer motivo. A preposição héneken (genitivo de héneka) possui significado causal. Quem perde a vida por “causa de mim [Jesus] e do Evangelho”, na verdade acaba por salvar a própria vida. Ocorre aqui uma inversão dos pensamentos.

v. 36. Pois, o que aproveita uma pessoa – em O Novo Testamento o verbo ōfelēō, “aproveitar”, “beneficiar”, juntamente com os seus derivados – ōfeleia (vantagem) e ōfélimos (proveito) ocorre um total de 21 vezes, sendo que 9 dessas ocorrências estão nos Evangelhos (3x em Marcos – 5,26; 7,11; e aqui em 8,36). Além de todos os demais usos, ōfelēō aparece com mais frequência no sentido de uma “inútil- utilidade”, ou ajuda que seja importante para a salvação. O verbo “aproveitar-proveito-benefício” se usa em antítese entre o fato de “haver ganhado o mundo inteiro” – com uma nota característica no êxito humano – e a própria insegurança do indivíduo, através da qual se vê que essa ganância foi inútil, uma vez que a vida se esvai com a morte.⁴⁴ Tanto é assim que “ganhar” (kerdēsai) é empregado geralmente no âmbito do comércio para exprimir um ganho material.⁴⁵ Provavelmente estamos diante de um dito proverbial sapiencial independente que assume aqui uma forma interrogativa.

v. 37. Pois, o que uma pessoa daria em troca da vida dela? – o verbo “daria” (doî, aoristo do subjuntivo ativo de didōmi) trata-se de um subjuntivo deliberativo retórico que aqui se junta ao substantivo acusativo neutro singular antállagma (troca, preço recebido em troca por um artigo de comércio⁴⁶). A questão retórica não espera uma resposta verbal, mas uma “declaração clara que expressa a resposta de tal forma que atrai os ouvintes para o texto”. A pergunta retórica pressupõe uma resposta negativa. O que a pessoa daria? Existem ditos judaicos paralelos como: “O que o homem deve fazer para viver? Quando eles respondiam: “Mate-se a si mesmo!” E “O que deve fazer o homem para morrer”, ao que eles respondiam: “Viva para si mesmo”.⁴⁷ Isso tudo demonstra que não “há nada que compensaria tal perda. Embora a questão pareça: ‘tal troca é possível?’ É uma acusação contra o ganhar o mundo e o perder a vida no processo”.⁴⁸ O dito de Jesus quer ressaltar o valor absoluto e definitivo do juízo de Deus que não deixa ao homem nenhuma possibilidade de redenção de si mesmo.⁴⁹ Além disso, ele supera as analogias judaicas pela ideia de que a salvação da vida agora depende da união com Jesus.⁵⁰

Os ditos de Jesus em 36 e 37 caracterizam-se pela forma literária das sentenças; ditados ou provérbios onde se expressa uma experiência universal, em geral na forma descritiva e em frases curtas. Por se tratar de uma experiência universal, nesse caso a realidade inescapável da morte, não

⁴⁴ BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. (Eds.). *Op. Cit.*, p. 2212, 2213.

⁴⁵ BELANO, Alessandro. *Op. Cit.*, p. 597.

⁴⁶ RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave linguística do Novo Testamento grego**. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 83.

⁴⁷ GNILKA, Joachim. *Op. Cit.*, p. 26.

⁴⁸ WALLACE, Daniel B. *Op. Cit.*, p. 467.

⁴⁹ BELANO, Alessandro. *Op. Cit.*, p. 599.

⁵⁰ GNILKA, Joachim. *Op. Cit.*, p. 26.

necessita de legitimação especial de algum sábio de renome, uma autoridade conhecida. Trata-se de algo que certamente irá acontecer, é o fim corriqueiro da vida de qualquer um. Como se trata de “frases sobre o ser humano”, possuem, no contexto, o valor de um argumento extremamente forte.⁵¹

v. 38. Pois, o que se envergonhar de mim – no grego, a terceira palavra é *eán* (se), uma conjunção subordinativa de valor condicional. Esta conjunção é aqui empregada para exprimir a ideia de eventualidade ou probabilidade. Ela condiciona o verbo aoristo do subjuntivo passivo (3ª. p. sing.) *épaischynthē*, cujo sentido primário é “ficar envergonhado”. O modo subjuntivo pode ser encontrado em orações principais ou, como acontece aqui, em orações subordinadas. Seu uso coloca em relevo uma atitude mental diante de uma realidade, ainda que essa realidade não esteja debaixo do controle do sujeito do verbo.⁵² Quando no aoristo, o subjuntivo veicula a visão de uma ação terminada, consumada ou afirmada em sua totalidade.⁵³ Uma vez que ele está em contraste com o presente do subjuntivo – que veicula a ideia de uma ação continuada, repetitiva ou habitual, parece indicar que basta “ficar envergonhado” uma vez para que a “condição” se cumpra.

Aquele que “se envergonha” de Jesus ou de suas palavras nesta geração adúltera e pecadora, será tratado do mesmo modo pelo Filho do Homem quando vier na glória de seu Pai. O uso do campo semântico do matrimônio (adúltera) se emprega desde o Antigo Testamento que considera a aliança entre Deus e seu povo como um casamento e, por conseguinte, a quebra da aliança é tida como adultério (Os 2,4; 4,12; Ez 16,30-38, por exemplo).

O uso da expressão “Filho do Homem” por Jesus, em geral se refere a ele mesmo como o juiz glorioso que presidirá o juízo final. Se, nesta geração Jesus é o Salvador que se deu em favor dos pecadores (*hamartólós*), são exatamente estes que serão julgados quando o Filho do Homem vier “na glória de seu Pai”.

O dito do Filho do Homem reconduz à imediata comunicação que existe entre o discípulo e Jesus. Aqui se apresenta não somente o fracasso do discipulado. Envergonhar-se encerra mais tensão que negar (Lc 12,9). Aqui se debate a apostasia. O discípulo é exortado a pensar no juízo final, quando o Filho do Homem se envergonhará do apóstata.⁵⁴

Por isso, a segunda metade desse versículo, explicita essa inversão escatológica. O momento decisivo quando essa “geração adúltera e pecadora” cederá espaço para novo mundo de Deus. A imagem do Filho do Homem que vem com os anjos na “glória do seu Pai”, agora como juiz, está fortemente associada com imagens do Antigo Testamento, sobretudo de Daniel 7. O Filho do Homem como juiz aqui em Marcos, evoca a mesma passagem veterotestamentária de Dn 7.⁵⁵ Ali esse personagem aparece descrito em termos quase idênticos (cf. 1Henoque). Além disso, a chegada do Filho do Homem no eschaton, além de o apresentar como juiz escatológico, ainda estabelecerá com certeza que Jesus é, e sempre foi, o Messias triunfante de Deus⁵⁶, confirmando assim a correção básica da intuição de Pedro

⁵¹ BERGER, Klaus. *Op. Cit.*, pp. 60-62.

⁵² SWETNAM, James. *Op. Cit.*, p. 39.

⁵³ *Idem*, p. 122.

⁵⁴ GNILKA, Joachim. *Op. Cit.*, p. 28.

⁵⁵ Assim também VENA, Osvaldo. **El discipulado del Hijo del hombre: el modelo cristológico de Marcos para una comunidad sufriente.** In. RIBLA – Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana. No. 64. **El Evangelio según Marcos. La verdadera Buena Noticia en un mundo engañado por los Imperios.** Quito, Ecuador, 2009/3, pp. 88-100.

⁵⁶ No Rolo de guerra de Qumran, o Messias dravídico travará as batalhas de Deus na guerra escatológica final e será ajudado por uma multidão de anjos que lutará a seu lado para estabelecer o reinado divino (1Qm 6,6; 4Q285, 1, 9 [8, 10]).

(8,29) e outorgando unidade ao conjunto completo de nossa perícopes como testemunho da realeza do Cristo.⁵⁷

O vocábulo “glória” (dóxa) ocorre 166 vezes no Novo Testamento, 3 vezes em Marcos. Enquanto no grego profano o termo designa uma opinião, no grego bíblico o vocábulo assume um sentido religioso para exprimir o esplendor divino, o poder do soberano. Em geral é utilizado para traduzir o hebraico kâbôd, empregado no Texto Massorético para expressar a glória, magnificência e honra, sobretudo de Deus, o soberano universal.⁵⁸ Os santos anjos, no contexto do juízo, fazem contraste com a geração adúltera e pecadora.⁵⁹

9,1. e dizia a eles: Amém! digo a vós – a fórmula de ligação “e dizia a eles” é característica do estilo de Marcos para a introdução de um novo trecho, ou então de um trecho estranho à sua fonte.⁶⁰

A expressão “Amém” constitui a conclusão da presente perícopes e ao mesmo tempo a transição do ensinamento aos discípulos ao relato da transfiguração. O chamado ao discipulado ganha uma nova motivação mediante o olhar voltado em direção ao final. Marcos, não compartilha a crença da iminente vinda do Reino de Deus, quando ligada a uma data; crença que compartilharam seus contemporâneos e da qual Marcos deu sinais inequívocos de distanciamento mediante o seu trabalho de redação. A cena que se segue, a transfiguração testemunhada por três discípulos escolhidos, pretende dizer que a promessa do “Amém” se cumpre precisamente nestes três discípulos. Em 9,9 se relacionará o ver com a transfiguração.⁶¹

Crítica das fontes⁶²

Mt 16,24-28; 10,38-39; 10,33	Mc 8,34 – 9,1	Lc 9,23-27; 14,27; 17,33; 12,9
<p>²⁴ To,te o` VIhsou/j ei=pen toi/j maqhtai/j auvtou/\</p> <p>ei; tij qe,lei ovpi,sw mou evlqei/n(avparnhsa,sqw e`auto.n kai. avra,tw to.n</p>	<p>³⁴ Kai. proskalesa,menoj to.n o;clon su.n toi/j maqhtai/j auvtou/ ei=pen auvtou/j\ ei; tij qe,lei ovpi,sw mou avkolouqei/n(avparnhsa,sqw e`auto.n kai. avra,tw to.n</p>	<p>²³ :Elegen de. pro.j pa,ntaj\ ei; tij qe,lei ovpi,sw mou e;rcesqai(avrnhsa,sqw e`auto.n kai. avra,tw to.n stauro.n auvtou/</p>

⁵⁷ MARCUS, Joel. *El Evangelio Según Marcos. 8,22-16,8. Nueva traducción con introducción y comentario*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2011, p. 720, 721.

⁵⁸ BELANO, Alessandro. *Op. Cit.*, p. 601.

⁵⁹ GNILKA, Joachim. *Op. Cit.*, p. 29.

⁶⁰ FABRIS, Rinaldo. In BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo. *Os Evangelhos. Tradução e comentário*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 516.

⁶¹ GNILKA, Joachim. *Op. Cit.*, p. 30.

⁶² Aqui seguimos as orientações de ALAND, Kurt. *SYNOPSIS QUATTUOR EVANGELIORUM*. Locis parallelis evangeliorum apocryphorum et patrum adhibitibus editio. Editio quindecima revisa. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1996, pp. 234-236.

<p>stauro.n auvtou/ kai. avkolougei,tw moiÅ</p>	<p>stauro.n auvtou/ kai. avkolougei,tw moiÅ</p>	<p>kaqV h`me,ran kai. avkolougei,tw moiÅ</p>
<p>²⁵ o]j ga.r eva.n qe, h th.n yuch.n auvtou/ sw/sai avpole,sei auvth,n\ o]j dV a'n avpole,sh th.n yuch.n auvtou/ e[neken evmou/ eu`rh,sei auvth,nÅ</p>	<p>³⁵ o]j ga.r eva.n qe, h th.n yuch.n auvtou/ sw/sai avpole,sei auvth,n\ o]j dV a'n avpole,sei th.n yuch.n auvtou/ e[neken evmou/ kai. tou/ euvaggeli,ou sw,sei auvth,nÅ</p>	<p>²⁴ o]j ga.r a'n qe, h th.n yuch.n auvtou/ sw/sai avpole,sei auvth,n\ o]j dV a'n avpole,sh th.n yuch.n auvtou/ e[neken evmou/ ou-toj sw,sei auvth,nÅ</p>
<p>²⁶ ti, ga.r wvfelhgh,setai a;nqrwpoj eva.n to.n ko,smon o[lon kerdh,sh th.n de. yuch.n auvtou/ zhmiwqh/ È h'</p>	<p>³⁶ ti, ga.r wvfelei/ a;nqrwpon kerdh/sai to.n ko,smon o[lon kai. zhmiwqh/nai th.n yuch.n auvtou/È</p>	<p>²⁵ ti, ga.r wvfelei/tai a;nqrwpoj kerdh,saj to.n ko,smon o[lon e`auto.n de. avpole,saj h' zhmiwqei,jÈ</p>
<p>ti, dw,sei a;nqrwpoj avnta,llagma th/j yuch/j auvtou/È</p>	<p>³⁷ ti, ga.r doi/ a;nqrwpoj avnta,llagma th/j yuch/j auvtou/È</p>	
<p>²⁷ me,llei ga.r o` ui`o.j tou/ avnqrw,pou e;rcesqai evn th/ do,xh tou/ patro.j auvtou/ meta. tw/n avgge,lwn auvtou/(kai. to,te avpodw,sei e`ka,stw kata. th.n pra/xin auvtou/Å</p>	<p>³⁸ o]j ga.r eva.n evpaiscunqh/ me kai. tou.j evmou.j lo,gouj evn th/ genea/ tau,th th/ moicali,di kai. a`martwlw/ (kai. o` ui`o.j tou/ avnqrw,pou evpaiscunqh,setai auvto,n(o[tan e;lqh evn th/ do,xh tou/ patro.j auvtou/ meta. tw/n avgge,lwn tw/n a`gi,wnÅ</p>	<p>²⁶ o]j ga.r a'n evpaiscunqh/ me kai. tou.j evmou.j lo,gouj(tou/ton o` ui`o.j tou/ avnqrw,pou evpaiscunqh,setai(o[tan e;lqh evn th/ do,xh auvtou/ kai. tou/ patro.j kai. tw/n a`gi,wn avgge,lwnÅ</p>

<p>28 avmh.n le,gw u`mi/n o[ti eivsi,n tinej tw/n w-de e`stw,twn oi[tinej ouv mh. geu,swntai qana,tou e[wj a'n i;dwsin to.n ui`o.n tou/ avnqrw,pou evrco,menon evn th/ basilei,a aevtou/Å</p>	<p>9,1 Kai. e;legen aavtoi/j\ avmh.n le,gw u`mi/n o[ti eivsi,n tinej w-de tw/n e`sthko,twn oi[tinej ouv mh. geu,swntai qana,tou e[wj a'n i;dwsin th.n basilei,an tou/ qeou/ evlhluqui/an evn duna,meiÅ</p>	<p>27 le,gw de. u`mi/n avlhqw/j(eivsi,n tinej tw/n aavtou/ e`sthko,twn oi] ouv mh. geu,swntai qana,tou e[wj a'n i;dwsin th.n basilei,an tou/ qeou/Å</p>
<p>10,38 kai. o]j ouv lamba,nei to.n stauro.n aavtou/ kai. avkolougei/ ovpi,sw mou(ouv e;stin mou a;xiojÅ</p>		<p>14,27 o[stij ouv basta,zei to.n stauro.n e`autou/ kai. e;rcetai ovpi,sw mou(ouv du,natai ei=nai, mou maqth,jÅ</p>
<p>10,39 o` eu`rw.n th.n yuch.n aavtou/ avpole,sei aavth,n(kai. o` avpo////le,saj th.n yuch.n aavtou/ e[neken evmou/ eu`rh,sei aavth,nÅ</p>		<p>17,33 o]j eva.n zhth,sh th.n yuch.n aavtou/ peripoih,sasqai avpole,sei aavth,n(o]j dV a'n avpole,sh zw ogonh,sei aavth,nÅ</p>
<p>10,33 o[stij dV a'n avrnhshtai, me e;mprosqen tw/n avnqrw,pwn(avrnhs,somai kavgw. aavto.n e;mprosqen tou/ patro,j mou tou/ evn i`toi/jÐ ouvranoi/jÅ</p>		<p>12,9 o` de. avrnhsa,meno,j me evnw,pion tw/n avnqrw,pwn avparnhqh,setai evnw,pion tw/n avgge,lwn tou/ qeou/Å</p>

Legenda:

O material em vermelho é comum aos três;

O material em verde recebe algum tipo de modificação;

O material em azul é característico de cada um;

As palavras em roxo em Mt e Lc lhes parecem características desses dois Evangelistas.

O texto de Marcos 8,34-38 aparece também na fonte dos ditos. Contudo, somente Mateus conservou a sequência de “Q” melhor do que Lucas. A introdução em 34a “*kai proskalesàmenos tôn óchlon sýn*” provém de Marcos, como sugere o chamado imperativo à multidão. Marcos e Mateus mantêm o verbo “dizer” (*eîpen*) no aoristo do indicativo ativo; Lucas, o modifica para o imperfeito do indicativo ativo. Os três conjugam na terceira pessoa do singular.

Ainda no versículo 34, Marcos prefere o verbo comum ao seguimento – *akilouthéō*, utilizando-o duas vezes, contra somente uma em Mateus e Lucas.

Mateus 17,38 abandona a redação original que destaca o seguimento da cruz como *conditio sine qua non* do tornar-se discípulo, o que poderia ter soado assim: que não aceita a cruz e me segue, não pode ser meu discípulo.

O segundo verso da perícopé apresenta duas vezes o uso do verbo “destruir” (*apóllymi*). Em Marcos as duas ocorrências estão no indicativo do futuro ativo; já em Mateus e em Lucas, ao menos a segunda ocorrência é modificada para subjuntivo do aoristo ativo. Além disso, Marcos acrescenta “*kai toû euaggeliou*” no versículo 35. Esta referência ao Evangelho está ausente em todas as demais variantes do *logion* e parece reiterar “por minha causa” que também estava presente na redação de Q (Mt 10,39).

Também o verbo “aproveitar” (*ōpheléō*) é conjugado de maneira diferente em cada um dos três Evangelhos. Ainda que “Q” fala em negar, o v. 38 fala de envergonhar-se. Isto poderia ser secundário, mesmo que anterior a Marcos, já que “*epaischynthêsetai*” é um termo da linguagem missionária cristã primitiva.

Entretanto, mais significativo é que em Marcos se descreve a vinda do Filho do Homem. Os santos anjos constituem o polo oposto da geração adúltera e pecadora (*em tê geneâ táute tê moixhalídi kai hamartōlō*) - somente em Marcos). Ambos provém do documento de que se serviu Marcos. Contudo, podemos supor que o acréscimo “na glória do seu Pai” pertence a Marcos, e foi assumido pelos demais evangelistas.

Assim também em 9,1 a conclusão “ter vindo com poder” – que faz eco com 38 – deve ser considerada como de autoria marcana.⁶³

Considerações finais

Os relatos de vocação são frequentes nas Sagradas Escrituras. A perícopé de Marcos consiste num desses relatos: o convite ao discipulado. O Evangelista Marcos inclui essa unidade em seu livrinho, e diz respeito às exigências essenciais para se tornar um seguidor de Cristo. A preocupação é pastoral. Ele se dirige à uma comunidade específica e quer exortá-la a não desistir do seguimento de Jesus, apesar

⁶³ Acompanhamos de perto, com algumas modificações, a GNILKA, Joachim. *El Evangelio Según San Marcos*. Me 8,27–16,20. Volume II. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2001, pp. 23-25. Assim também FABRIS, Rinaldo. In BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo. *Os Evangelhos. Tradução e comentário*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 515, 516.

das aparentes contradições. Os seguidores haviam deixado muitas coisas por causa de sua crença de que Jesus de Nazaré era o Messias. Mas, por causa dessa decisão estavam sofrendo consequências nem um pouco desejáveis.

Assim, o texto vai além da situação histórica do próprio ministério de Jesus; fala a uma igreja assediada pela perseguição. Os discípulos estão sendo dizimados tanto pelas perseguições mais sutis, quanto por aquelas pressões já sentidas pelos cristãos na Roma Imperial. O Evangelista quer mostrar que esta situação é esperada. O próprio Mestre havia chamado a atenção de seus discípulos para a realidade do sofrimento por causa do Evangelho.

A humilhação do Cristo, anunciada em 8,31, é o misterioso protótipo do discipulado. Todavia, ao falar da ressurreição que sucede a morte na cruz, os seguidores de Jesus podem olhar para além de um tribunal romano/pagão; eles devem mirar o tribunal do Filho do Homem, onde a lealdade a Jesus será honrada com vindicação.

Esta análise exegética mostra a radicalidade da chamada cristã, que deseja uma total identificação com o Cristo, confessado, mas erroneamente intuído por Pedro em 8,29. O texto elaborou a cena de uma cosmovisão que objetivou exortar aos discípulos a assumirem um comportamento bem definido. Seguir a Jesus significa uma negação radical de si mesmo. O discípulo deve “carregar a sua cruz”. E isso implica ter plena comunhão com o próprio destino de Jesus: perseguição, sofrimento e morte. Mas, aqueles que suportarem esse sofrimento, serão alvos da realização da grandiosa promessa do Mestre – a vida eterna.

Referências

ALAND, Kurt. **SYNOPSIS QUATTUOR EVANGELIORUM**. Locis parallelis evangeliorum apocryphorum et patrum adhibitis edidit. Editio quindecima revisa. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1996.

BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. (Eds.). **Diccionario Exegético del Nuevo Testamento**. Volume I. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2002.

BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. (Eds.). **Diccionario Exegético del Nuevo Testamento**. Volume II. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2002.

BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo. **Os Evangelhos. Tradução e comentário**. São Paulo: Loyola, 1990.

BELANO, Alessandro. **Il Vangelo secondo Marco: traduzione e analisi filológica**. Roma: ARACNE Editrice, 2010.

BERGER, Klaus. **As Formas Literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

COLLINS, Adela Yarbo. **Marco. Volume 2**. Commentario Paideia. Torino: Paideia Editrice, 2019.

FOCANT, Camille. **Il Vangelo Secondo Marco**. Assisi: Cittadella Editrice, 2015.

FRIBERG, B. FRIBERG, T. **O Novo Testamento Grego Analítico**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2006.

GNILKA, Joachim. **El Evangelio Según San Marcos**. Mc 8,27 – 16,20. Volume II. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2001.

LANE, Willian L. **The Gospel According to Mark**. The New International Commentary on the New Testament. Michigan: W. M. B. Eerdmans Publishing CO., 1974.

MARCUS, Joel. **El Evangelio Según Marcos. 8,22-16,8. Nueva traducción con introducción y comentario**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2011.

MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. – Coleção Grande Comentário Bíblico.

NESTLE, Erwin & Eberhard; ALAND, Kurt & Bárbara. **Novum Testamentum Graece**. Stuttgart: DEUTSCHE BIBELGESELLSCHAFT, 2012.

OMANSON, Roger L. **Variantes textuais do Novo Testamento**. Análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave linguística do Novo Testamento grego**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

SILVA, Cássio Murilo Dias. **Metodologia de Exegese Bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2009.

SWETNAM, James. **Gramática do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2002.

TAYLOR, W. C. 1886-1971. **Dicionário do Novo Testamento grego**. 10. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.

VENA, Osvaldo. **El discipulado del Hijo del hombre: el modelo cristológico de Marcos para una comunidad sufriente**. In. RIBLA – Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana. No. 64. **El Evangelio según Marcos. La verdadera Buena Noticia en un mundo engañado por los Imperios**. Quito, Ecuador, 2009/3, pp. 88-100.

VINCENT, Marvin R. **Estudo no Vocabulário Grego do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, v. 1.

WALLACE, Daniel B. **Gramática Grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009.

Texto Grego – NA 28

Mc 8,34-9,1

³⁴ Kai. proskalesa,menoj to.n o;clon su.n toi/j maqhtai/j aurtou/ ei=pen aurtou/j\ ei; tij qe,lei ovpi,sw mou avkolouqei/n (avparnhsa,sw e`auto.n kai. avra,tw to.n stauro.n aurtou/ kai. avkolouqei,tw moi

³⁵ o]j ga.r eva.n qe,lh| th.n yuch.n aurtou/ sw/sai avpole,sei aurtou,n\ o]j dV a'n avpole,sei th.n yuch.n aurtou/ e[neken evmou/ kai. tou/ euvaggeli,ou sw,sei aurtou,n

³⁶ ti, ga.r wvfelei/ a;nqrwpon kerdh/sai to.n ko,smon o[lon kai. zhmiwqh/nai th.n yuch.n aurtou/È

³⁷ ti, ga.r doi/ a;nqrwpoj avnta,llagma th/j yuch/j aurtou/È

³⁸o]j ga.r eva.n evpascunqh/| me kai. tou.j evmou.j lo,gouj evn th/| genea/| tau,th| th/| moicali,di kai. a`martwlv/|(kai. o` ui`o.j tou/ avnqrw,pou evpascunqh,setai avtto,n(o[tan e;lqh| evn th/| do,xh| tou/ patro.j avttou/ meta. tw/n avgge,lwn tw/n a`gi,wn

^{9,1} Kai. e;legen avttoi/j\ avmh.n le,gw u`mi/n o[ti eivsi,n tinej w-de tw/n e`sthko,twn oi[tinej ouv mh. geu,swntai qana,tou e[wj a'n i;dwsin th.n basilei,an tou/ qeou/ evlhluqui/an evn duna,mei

RECEBIDO: 04/05/2023

RECEIVED: 04/05/2023

APROVADO: 16/09/2023

APPROVED: 16/09/2023